

O Brasil descobre os fundos fechados

■ Nova alternativa de investimento vai intensificar competição pela compra de participações em empresas que serão privatizadas

SÔNIA ARARIPE

10/10/97 - Helvio Romero

Um novo tipo de fundo de investimento está invadindo a economia brasileira. Seguindo a moda internacional, estão se multiplicando por aqui os novos fundos fechados de participação em empresas, mais conhecidos como *private equities*. Hoje, já estão operando três, totalizando investimentos de R\$ 900 milhões, mas outros seis estão sendo formados, que deverão somar cerca de R\$ 1 bilhão.

Estes recursos vão aquecer ainda mais a acirrada disputa por bons negócios na compra de participações em empresas que estejam sendo privatizadas, principalmente de setores de infra-estrutura, ou ainda de algumas já consolidadas, que precisem de parceiros para tocar bons projetos. O braço de participações do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, a BNDESPar, descobriu nestes novos fundos uma ótima oportunidade para diversificar sua carteira e entrar em novos negócios.

"Para nós será ótimo. Estamos nos desfazendo de parte das ações que hoje temos em Eletrobrás e Petrobrás para podermos entrar em outras empresas", diz José Durval Soledade, diretor da BNDESPar. O fundo tem capital fechado, e não deve ter alta liquidez. Sair de um *private equity* não é lá tão fácil, o que torna seu perfil bem diferente do volátil capital voador de outros tipos de investimentos. As empresas escolhidas pelos novos fundos terão que se preparar para serem examinadas com lupa pelos novos sócios.

Institucional - "O empresário brasileiro ainda é reticente a ter sócios. Mas não adianta crescer apenas com financiamento bancário. A bolsa de valores é um instrumento importantíssimo", explica Soledade. Os três fundos que já estão operando são o do Opportunity, de R\$ 400 milhões; outro do Garantia, de R\$ 300 milhões, e o terceiro do Latinvest, em parceria com o Fonte-Cindam, de R\$ 200 milhões. A idéia é interessante. Um banco ou administrador de recurso entra captando o dinheiro para o fundo junto a fundos de pensão, seguradoras e outros investidores institucionais brasileiros ou estrangeiros.

A BNDESPar, dona de uma carteira de US\$ 14 bilhões em ações de várias empresas, entra de parceira com R\$ 40 milhões ou 20% do tamanho do fundo, o que for menor. O dinheiro será administrado pelos gestores (o banco ou administrador) apenas esperando uma boa oportunidade de negócio: arrematar uma fatia numa empresa estatal que esteja sendo privatizada ou então escolher uma boa oportunidade de investimento em uma companhia que já é privada, mas que precisa de sócios para injetarem capital.

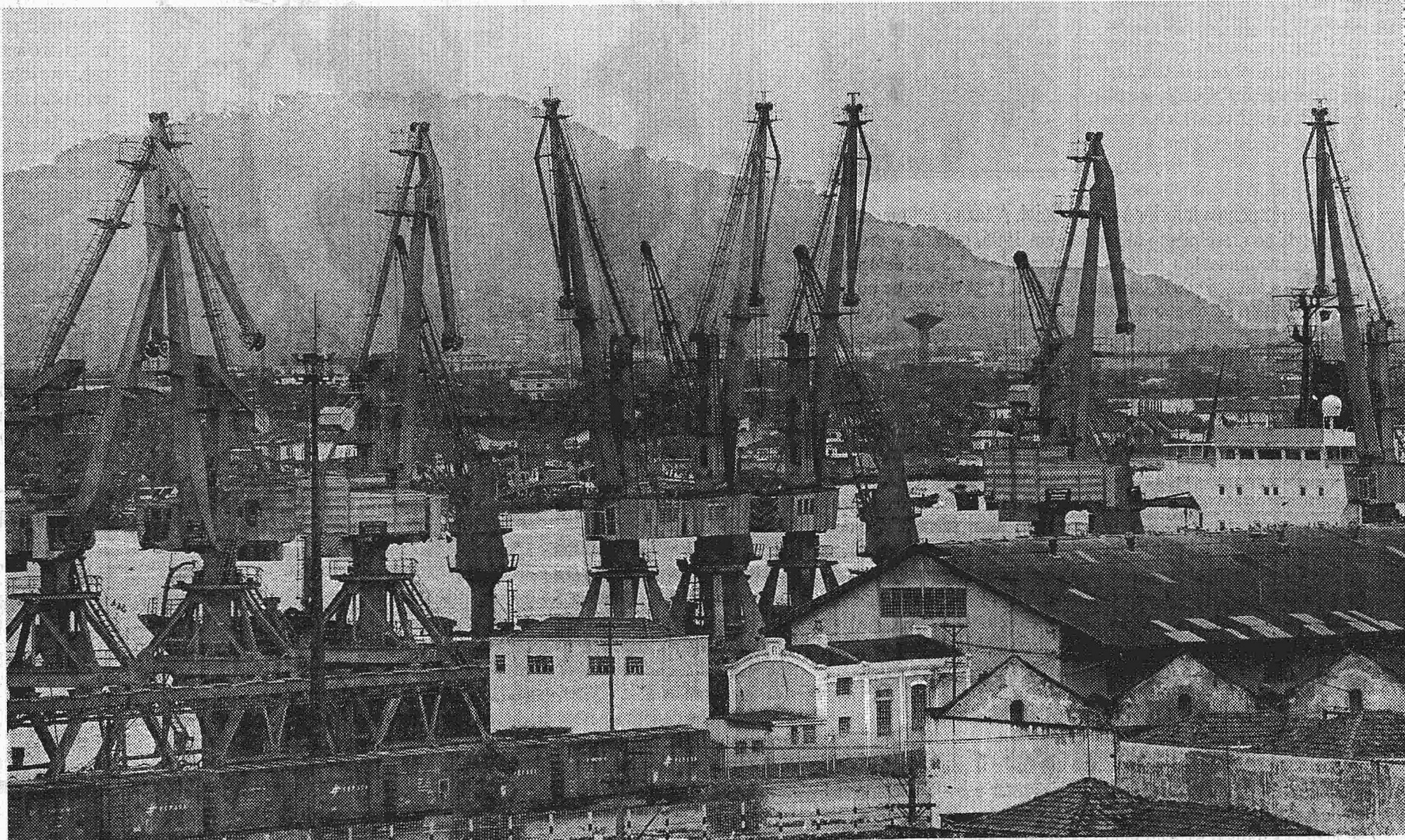
Foi assim que aconteceu, por exemplo, quando um dos fundos de *private equity* administrado pelo Banco Garantia comprou uma fatia de 20% do capital da TAM, em abril deste ano, por US\$ 80 milhões. Este fundo do Garantia é dono também de um pedaço da Malha Sul. Mais recentemente, em setembro, o *private equity* criado pelo Opportunity, arrematou o controle do terminal de contêineres do Porto de Santos, no mês passado, em parceria com fundos de pensão, a Multiterminais e a construtora Agenco.

Saneamento - "Acreditamos que há um grande potencial em empresas que estão sendo privatizadas, principalmente na área de infra-estrutura", conta Marco Pinheiro, diretor do Latinvest, que já formou um fundo de *private equity* em parceria com o Banco Fonte-Cindam no valor de R\$ 200 milhões, dos quais a BNDESPar entrou com US\$ 40 milhões.

O Banco Pactual acaba de lançar dois fundos deste tipo, que juntos vão captar R\$ 400 milhões. "Este é um tipo de negócio que tem tudo para crescer aqui no Brasil", diz Álvaro Luis Gonçalves, diretor dos novos fundos do Pactual, que está em Genebra (Suíça), acabando de vender o produto para parceiros estrangeiros. O Pactual criou uma nova empresa apenas para cuidar dos novos produtos, a Pactual Electra, em parceria com a inglesa Electra Fleming, uma das primeiras do mundo no ramo.

Mas Álvaro Luis Gonçalves dá um recado importante para os empresários que estão de olho nesta nuvem de dinheiro. "Ninguém vai colocar os recursos e ficar de braços cruzados. Vamos exigir muito dos empresários", explica o diretor do Pactual. Como a maturação deste tipo de fundo é de longo prazo, a venda de cotas está dirigida para grandes investidores institucionais. Mas, como ainda não há uma regulamentação específica para o *private equity* brasileiro, o jeitinho foi de encaixá-lo como se fosse um fundo de carteira livre.

"Já existe um projeto que sugere a regulamentação com os fundos de desenvolvimento de empresas. Está sendo discutido por um grupo de trabalho da Comissão de Valores Mobiliários", conta José Durval Soledade, diretor da BNDESPar, que faz parte deste grupo de trabalho.



Terminal de contêineres de Santos, privatizado no mês passado: busca de novas parcerias pode multiplicar os investimentos de fundos fechados

4/6/91 - Arquivo



Roberto Teixeira da Costa: "Nos anos 80, fizemos captações de recursos expressivas com a Brasilpar"